

PAIGC

**A RESISTÊNCIA
CULTURAL**

TEXTO ESCRITO, DE FORMA CONDENSADA, A PARTIR
DE UMA GRAVAÇÃO DA INTERVENÇÃO EM CRIOULO NO
SEMINÁRIO DE QUADROS DO PARTIDO, REALIZADO DE
19 A 24 DE NOVEMBRO DE 1969, PELO CAMARADA

AMILCAR CABRAL

OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO DO PAIGC

1974

Na nossa situação concreta, temos que dar grande atenção à nossa resistência cultural. O nosso Partido, desde o começo, tem dado grande atenção a isso, e tomou nesse sentido medidas importantes. Aliás, devemos dizer concretamente que a própria criação do nosso Partido, que planificou e fez avançar a nossa luta de libertação nacional, é um acto de cultura. É uma prova clara de resistência cultural, porque nós queremos ser nós mesmos, africanos da Guiné e Cabo Verde e não portugueses. A nossa cultura não é a cultura dos portugueses, embora ela tenha hoje em dia alguma influência da cultura dos portugueses.

Enquanto liquidamos a cultura colonial
temos que criar uma cultura nova

Devemos trabalhar muito para liquidar em nós mesmos a cultura colonial, camaradas. Queiramos ou não, na cidade ou no campo, o colonialismo meteu-nos muitas coisas na cabeça. Devemos trabalhar para tirar da cabeça aquilo que não presta e deixar aquilo que é bom. Porque o colonialismo não tem só coisas que não prestam.

A nossa resistência cultural consiste no seguinte: enquanto liquidamos a cultura colonial e os aspectos negativos da nossa própria cultura, no nosso espirito, no nosso meio, temos que criar uma cultura nova, baseada nas nossas tradições, mas respeitando também tudo quanto o mundo hoje tem conquistado para servir o homem.

A cultura é produto do nível económico

Há muita gente que pensa que para a África resistir culturalmente tem que fazer sempre aquelas mesmas coisas que já fazia há 500 ou há mil anos. Sim, a África tem a sua cultura, de facto, essa é a nossa opinião concreta. Alguns aspectos dessa cultura são eternos, nunca morrem, podem transformar-se sempre pelo caminho, mas nunca hão-de morrer. Por exemplo, os nossos tipos de dança, o nosso ritmo, próprio de África. Mas ninguém pense que comer com as mãos é só da África. Todos os povos do mundo passaram por isso, e há ainda povos no mundo, como no Brasil, na Indonésia, na Polinésia, no Extremo Asiático, que estão piores do que nós nesse aspecto.

Muita gente pensa que, para defender a cultura africana, temos que defender as coisas negativas da nossa cultura. Não, a nossa opinião não é essa. É que a cultura é também o produto do nível económico em que um povo está. A nossa opinião é que comer com as mãos, cantar certos tipos de cantigas e até certas danças dependem da vida que o povo leva, do ponto de vista de produzir, produzir bens para seu uso. É por isso que as cantigas dos balantas são diferentes das cantigas dos mandingas, por exemplo. As cantigas dos balantas, analisadas a fundo, são cantigas do homem da planície. Quando comparamos as cantigas balantas com as da Europa, vemos que são parecidas com as cantigas alentejanas, lentas, em côro. Porque há certos tipos de vida económica e meios geográficos que dão certos tipos de canções. As pessoas que vivem na montanha têm certos tipos de canções; quem vive sempre com o gado tem o seu tipo de dança; quem vive na floresta, só, sem gado, já tem outro tipo de dança; quem vive no deserto tem outro tipo de dança. E isto seja em África, na Ásia ou na América.

E conforme a nossa economia, o nosso desenvolvimento, assim é o nosso tipo de relações com a natureza. Quem acredita que a vaca é um Deus, quando dança enaltece a vaca. Na própria dança a vaca é apresentada como Deus. Mas quem acredita que é na floresta que Deus está escondido, a sua dança tem que ser de respeito pela floresta, as suas canções trazem uma música especial e palavras especiais. Isto observa-se em toda a parte do mundo onde haja uma situação económica correspondente a esse tipo de relações com a natureza. Quem ainda tem medo dos relâmpagos, das cheias dos rios, das trovoadas, tem canções e danças dum certo tipo. Claro que se compararmos as nossas danças com as danças das cidades da Europa, vemos que elas não são nada parecidas. Estas são danças ultra-modernas; mas, se compararmos as nossas danças e canções com o folclore, quer dizer, com as artes e costumes dos outros povos - da Europa Oriental ou então da Ásia ainda mais - encontramos algumas danças muito parecidas com as nossas, camaradas.

O nosso ponto de vista, portanto, é que, na nossa cultura, devemos fazer resistência para conservar aquilo que de facto é útil e construtivo, mas na certeza de que, à medida que avançamos, a nossa roupa, a nossa maneira

de comer, a nossa maneira de dançar, de cantar, tudo tem que mudar aos poucos, sobretudo as nossas ideias, as nossas relações com a natureza, e até as nossas relações uns com os outros.

Camaradas, nós rimo-nos disso agora, mas muitos dos camaradas que estão aqui sentados têm medo ainda do chifre. Só vos digo que "peguem teso" na luta, que tralhem muito, porque os filhos dos vossos filhos já não vão acreditar nisso, se de facto cumprirmos o nosso dever em relação ao nosso povo. Porque os suecos - esses dois que vocês viram - também os pais dos seus pais acreditavam em chifres. E a maneira de enterrar os suecos antigos era igual à maneira de enterrar as pessoas hoje em dia na nossa terra. A maneira de enterrar os reis, nos tempos antigos da Suécia, era igual à maneira de enterrar os nossos reis também: iam para a cova com todas as suas coisas, quando não matavam a própria mulher para ficar com ele na mesma cova.

Os Vikings, que são os antepassados dos suecos, não iam para a guerra sem mézinho (resguardo). Os Francos, gente da França antiga, camaradas, quando combateram contra Cesar de Roma também levavam mézinhos... ..os Inglêses antigos, os Índios da América... Na China, Mao-Tsé-Tung teve grande trabalho para acabar com os mézinhos, e até hoje ainda não acabou com eles completamente; e a feitiçaria também ainda não acabou. Se lerem as obras dos vietnamitas, verão que o feitiço também existe no Vietnam. Um dos grandes chefes vietnamitas disse que tiveram de aceitar mézinhos da sua gente para poderem levá-la para a luta.

Eles (os europeus) tinham tudo isso, mas já o abandonaram.

Todo o mundo já usou "lopé" e há ainda muita gente que o usa. Bubu, panos à moda dos ganeses - em Roma era assim ou parecido. Vejam os filmes sobre os romanos, com os seus panos que se chamavam togas; mas eram panos como quaisquer outros. Sandálias e panos, nada mais. Mas hoje há pessoas que andam de panos e pensa que só a África é que tem panos, como se só a África soubesse o que são panos. O uso de panos é o reflexo de um estado de desenvolvimento económico, nada mais. É bom, é nosso, mas não vamos pensar que é só nosso. Dia virá em que os filhos dos filhos dos vossos filhos não-de esquecer tudo isto.

Pena é que não vivamos o bastante para podermos constatar isso. Hoje, quando ouvimos falar dos Vikings, pensamos que eles eram doidos, sem atender ao facto de que eles viviam a sua vida, de acôrdo com o seu tempo. Não davam um passo sem, antes, consultar o feiticeiro. O rei andava sempre com o seu feiticeiro ao lado. Os romanos, antes de irem para o combate, nos tempos antigos, abriam a barriga de uma galinha para verem se a ocasião era boa ou não para fazer a guerra. Havia até pessoas, chamadas "augurios", a quem os chefes consultavam para saberem se podiam ou não ir à guerra.

Havia na Grécia Antiga, que foi o centro da civilização do mundo, feiticeiras que viviam na montanha, chamadas "pitonisas", que eram consultadas sobre o desfecho das guerras, o futuro das pessoas, etc., e o povo levava-lhes oferendas, porque pensava que Deus estava dentro delas. É como o nosso "iran" de Cobiana, camaradas. O que vos disse passava-se há três mil anos, na Grécia. No Egipto Antigo todos os faraós tinham os seus feiticeiros e Deus era um boi, o "Boi Apis", a vaca era intocavel, porque a vaca era sagrada, como na India ainda hoje. Na India não comem vaca. Há gente que morre de fome diante da sua vaca, porque não se pode matar a vaca, porque ela é Deus. Leva-se a vaca ao rio a lavar, e toda a gente entra na água com ela para se lavar na mesma água que Deus.

Desenvolver em cada um de nós o patriotismo, o amor pela terra, é um grande avanço da nossa cultura

Temos que entender isso bem, para podermos fazer a nossa resistência cultural, naquela base em que de facto ela deve ser feita. Devemos limpar da nossa terra toda a influência nociva da cultura colonial, camaradas.

E o primeiro acto de cultura que devemos fazer na nossa terra deve ser: realizar a unidade do nosso povo, lutar e desenvolver em cada um de nós uma ideia nova que é o patriotismo, o amor pela nossa terra como um todo.

E devemos mostrar o valor que tem o facto de resistirmos ao inimigo, ao estrangeiro, na nossa terra. ~~Unir as nossas~~ forças para não permitirmos que o nosso

povo, os filhos da nossa terra, sejam pisados, humilhados. Entender claramente que nós, na nossa terra, temos direitos iguais aos de qualquer outra gente na sua própria terra. Além disso, camaradas, devemos elevar no espírito de cada um de nós, sobretudo no espírito de cada combatente, o valor do heroísmo - a coragem para cumprir, rigorosamente, as palavras de ordem do Partido.

Só é filho do nosso povo aquele que é patriota

Quando nós dizemos que somos capazes de nos unir para melhor resistir ao nosso inimigo, estamos a aumentar a nossa cultura. Isto é uma prova de que temos cultura de-facto. E temos que ser capazes, como Partido, como organização política, de desenvolver, cada vez mais, no espírito da nossa gente, na Guiné e em Cabo Verde, esta ideia concreta: só é filho do nosso povo aquele que é patriota. Ser capaz de interpretar a situação concreta da sua terra, para transformá-la no sentido do progresso, isto é que é cultura, camaradas.

Cultura é incutir no espírito de cada um a certeza da nossa vitória

Devemos incutir no espírito de cada um a certeza da nossa vitória. Isto é um acto de cultura também, camaradas. Dar ânimo a cada um, para não desistir nunca, para não desesperar, diante de nenhuma derrota, porque não há nenhuma luta sem derrotas. Na nossa luta também há derrotas, mas elas fazem parte da própria luta; e é por isso que há luta. Mas devemos reforçar, cada vez mais, a confiança na vitória, devemos fazer tudo para desesperar o inimigo, para desesperar os agentes do inimigo, e mostrar-lhes que, de qualquer maneira, ele vai perder. Isto é que é cultura, camaradas.

E nós devemos, na base do amor pela nossa terra e pelo nosso Partido, desenvolver as nossas danças, as nossas cantigas, as nossas músicas, fazer teatros, acrobacias mesmo, imitações, etc... Por exemplo, quando imitamos os colonos, o senhor fulano de tal,... isto é muito importante. Devemos desenvolver tudo isto, ao serviço da nossa luta, ao serviço da nossa causa, com um conteúdo, quer dizer, com factos e palavras novas.

São de um grande valor, por exemplo, as cantigas dos balantas, dos beafadas, em crioulo, em mancanha, em

pepel, etc., as mornas e coladeiras já feitas, na base da nossa luta, glorificando o nosso Partido, os nossos combatentes corajosos, as nossas armas, batalhas, ataques contra aviões, mostrando o longo caminho percorrido pelo nosso povo nesta guerra.

A nossa cultura deve desenvolver-se numa base científica

Devemos, claro, avançar e despertar, paralelamente, o interesse da nossa gente para a literatura, a ciência, etc. Porque nós sabemos que não são os analfabetos que podem fazer uma terra progredir. É preciso gente que leia e escreva. Toda a gente que saiba ler e escrever deve ensinar àqueles que o não saibam. Há muito que o nosso Partido lançou esta palavra de ordem e há muito que o nosso Partido começou a criar escolas, a melhorar a preparação dos professores, a formar quadros para podermos avançar no caminho dos conhecimentos científicos da vida e do mundo.

Dentro ou fora da escola, temos que pôr a nossa nova cultura ao serviço da nossa resistência, ao serviço do cumprimento do programa do Partido. A nossa cultura deve desenvolver-se numa base nacional, mas sem desprezar, nem esquecer, a cultura dos outros povos. Com inteligência, devemos aproveitar da cultura dos outros povos tudo quanto seja bom para nós, tudo quanto possa ser adaptado às nossas condições de vida.

A nossa cultura deve evitar que, amanhã, qualquer um de nós pense que o relâmpago é sinal de que Deus se enraiveceu, que a trovoadá é a voz do céu ou do "iran" enfurecido.

Camaradas, temos que basear a nossa cultura na ciência. Temos que eliminar da nossa cultura tudo quanto seja anti-científico, mas não hoje ainda, amanhã.

A nossa cultura tem de ser de massas, não pode ser uma cultura duma elite

A nossa cultura tem de ser popular, quer dizer, cultura de massas. Toda gente tem direito à cultura. Mais, devemos respeitar sempre os valores culturais do nosso povo que mereçam ser respeitados. A nossa cultura não pode ser para uma elite, para um grupo de pessoas que saiba muito, que conheça todas as coisas. Não,

todos os filhos da nossa terra, na Guiné e em Cabo Verde, têm que ter direito a avançar culturalmente, a participar nos actos culturais, a manifestar e a criar cultura.

Temos que fazer avançar a cultura no campo

Devemos notar que, enquanto que nas nossas cidades se desenvolveram, dia a dia, os costumes estrangeiros, uns bons, outros maus, - a nossa tendência, em geral, é para aproveitar os maus: alcoolismo, prostituição, banditismo, aldrabice, assaltos, roubo, etc, - no nosso campo a vida é mais pura, embora, com isso, não queira dizer que não haja no campo gente que roube

Devemos saber comparar o nosso campo com a nossa cidade, para evitar que as impurezas da cidade venham para o campo e para levarmos para a cidade as purezas que possam existir no nosso campo. E temos que trabalhar para fazer progredir o nosso campo, dia após dia, tanto no plano cultural, como noutros planos.

Temos que desenvolver em todos nós
o espírito da perfeição e da pontualidade

Temos que desenvolver em todo o nosso povo, nos nossos combatentes, nos nossos militantes como na população em geral, esta consciência: quando um ser humano está a fazer um trabalho deve fazê-lo bem, com perfeição, o mais rapidamente possível e da maneira mais simples. Devemos desenvolver no nosso espírito a ideia da perfeição. Nós não temos ainda muito bem o sentido da perfeição.

Numa reunião, há, por exemplo, um camarada que tem que falar, mas nem apontamentos toma, fica só a inventar. Ele pode valer-se muito da conversa, mas tem que estudar um bocado, relembrar as coisas. Se há uma reunião com tal tabanca é preciso sentar-se e pensar os problemas que há com essa tabanca, tomar as notas necessárias. Se é um comissário político, em quem o Partido depositou a sua confiança, ele é que é o Partido nesse momento. Como é que ele vai conversar só por conversar? E preciso estudar. Não é preciso preparar um discurso inteiro para a nossa gente. O que é preciso é tomar notas de todos os problemas, pensar nos problemas que se vai discutir.

Perfeição no nosso trabalho, mas perfeição mesmo na nos-
sa maneira de vestir. Um povo que está a lutar pela sua
independência, pela sua dignidade, tem que andar com os
pés limpos. Quando se anda na lama, paciência, mas quan-
do saímos da lama vamos lavar os pés.

Para a nossa dignidade, para abrir novos cami-
nhos na vida, tem uma grande importância a maneira como
nos comportamos.

Temos que ter a noção do tempo na nossa cultu-
ra, na nossa acção. Quantas vezes os nossos comandantes
têm falhado ataques ou emboscadas só por causa do atraso!
Alguns atrasos são justificáveis, porque as nossas con-
dições são difíceis, mas outros são apenas por falta de
interesse, falta de consciência, falta de organização,
de decisão.

Temos que trabalhar muito, camaradas, para a-
proveitarmos o tempo. Temos que aprender a ser práticos
no nosso trabalho, temos que incutir no espírito dos
nossos camaradas a ideia do prático. É preciso deixar
de complicar as coisas. E eliminar do nosso espírito a
interpretação mágica da realidade. É que nós temos esta
maneira de pensar segundo a qual se sentarmos a discu-
tir e chegarmos a um acôrdo, pensamos que, só com isso,
a coisa já está feita. Acabada a discussão, cada um sai,
satisfeito da vida, porque vai fazer um bom trabalho, mas
não trata de fazê-lo porque, na sua cabeça, o trabalho
já está feito. É assim que, quando pensamos numa embos-
cada, ficamos muito satisfeitos, mas não tomamos nemhu-
ma medida prática para que tudo corra bem, sem falhas,
porque, na nossa interpretação mágica da realidade, acre-
ditamos que o que foi pensado já está realizado. A nossa
desgraça é começar e não acabar. Quando começamos uma
obra tudo vai bem, com todo o entusiasmo, mas, passado
um bocado, paramos e esquecemos a obra.

Antes de começar a fazer uma coisa devemos es-
tudá-la bem, para saber se vale ou não a pena fazê-la e
não termos que começar para depois abandonar a meio. É
uma perda de energias, um espanjamento. Quem não pode
acabar uma coisa que começou a fazer, então está desgra-
çado na vida, porque não pode fazer nada.

Portanto, perfeição, aproveitar bem o tempo e
ter o sentido prático das nossas realizações, a capaci-

dade de realizar até ao fim cada obra, cada coisa que temos que fazer, - tudo isto é muito importante, camaradas, fundamental na nossa cultura, camaradas. São novos elementos para a cultura na nossa terra.

Explicar ao nosso povo as normas da higiene é um aspecto fundamental da nossa resistência cultural

Os "tugas", antes, diziam que nós éramos muito sujos, mas quando nos vestíamos bem chamavam-nos "doutores", "preto com manias de doutor". Essa é que era a posição dos "tugas". Mas nós não temos esse complexo, nós somos contra tudo o que seja sujo, somos contra a porcaria. Quando um homem ou uma mulher quer dar a sua vida por uma causa tem que estar limpo, num ambiente limpo, tem que fazer com que todos aqueles que o rodeiem estejam limpos. Porque só assim é que o seu espírito pode ser cada dia mais limpo. Temos que trabalhar para mostrar ao nosso povo que a sua vida, o prolongamento da sua vida, também depende muito da limpeza da sua casa.

Cada responsável ou militante do Partido deve ser um agente de higiene na nossa terra. Em qualquer lugar onde chegar, tem que exigir limpeza, e ele, como bom responsável, deve ser o primeiro a pegar na vassoura, se fôr preciso, para limpar, para mostrar aos outros que não tem vergonha de varrer, que está a lutar pela sua terra, está a dar a vida para a luta, mas não é capaz de viver no meio da sujidade.

Cada responsável, cada militante do Partido, que tenha algum conhecimento, tem que ser um professor

Claro que nas nossas escolas temos de liquidar tudo quanto era feito pelos "tugas" e que reflectia uma mentalidade colonialista. Começámos a fazê-lo já, editando novos livros, falando do nosso Partido, da nossa luta, da nossa terra, do presente e do futuro do nosso povo, dos direitos do nosso povo. Para nós, pedagogia é aquilo que ensina às crianças a nossa luta, os direitos do nosso povo, o Partido, o Hino do Partido, o valor do nosso Partido, além do ABC, "O Gato e a ^Raposa", "O Lobo e o Chibinho", etc. No meu tempo de escola, ensinava te-se o nascimento de Jesus Cristo, que a Virgem Maria te

ve um filho e continuou virgem - e eu até repetia isto tudo e parece que entendia disso então, O milagre da ascensão, nos livros adoptados naquele tempo, milagres como o milagre das rosas, e tudo o mais... Porque é que, se naquele tempo se ensinavam milagres às crianças, nós não podemos ensinar este milagre maior da nossa terra: homens e mulheres que se reuniram para mobilizar o nosso povo para a luta, para acabar com o sofrimento, com a miséria, com a desgraça, com as bofetadas, os pontapés, o trabalho forçado, etc?

Nós devemos fazer de cada responsável do Partido e cada militante do Partido que tenha algum conhecimento um professor. Não é somente o professor nas escolas que tem o dever de ensinar; qualquer um, comandante, membro da Direcção do Partido, comissário político, membro da segurança, enfermeiro, - qualquer um tem o dever de ensinar, ensinar sempre, falando ou esclarecendo, explicando, ajudando, camaradas. Só assim é que podemos avançar. Devemos evitar o complexo de superioridade daqueles que sabem alguma coisa e o complexo de inferioridade daqueles que pouco sabem. Porque uma pessoa que é capaz de ensinar não deve afastar-se de ninguém, e muito menos do nosso povo. Pelo contrário, deve mergulhar-se no seu seio cada vez mais. Eu expliquei aos camaradas, por exemplo, aos camaradas que vão estudar e voltam: até agora tem havido duas tendencias, uma daquelas que, depois do regresso, se infiltram no seio da nossa gente, mas que se confunde tanto com ela que acaba por só fazer os erros que são próprios à nossa gente; outros regressam formados e por isso já querem ser dirigentes. São dois extremos que não queremos. O que nós queremos é que aqueles que foram estudar, que adquiriram mais conhecimentos, respeitem os nossos dirigentes, porque estes é que são os dirigentes de facto, mesmo se não foram à escola. Mas se viram alguma deficiência, deve penetrar no meio dos camaradas para ajudar a melhorar, cada vez mais, o nível das nossas coisas. Isto é que é próprio de uma pessoa que sabe mais, que aprendeu mais do que os outros e que nos vem ajudar. Misturar-se, confundir-se, mas não esquecer que é preciso ajudar a melhorar.

Os nossos valores sim, mas sem oportunismo

Devemos combater tudo quanto seja oportunismo,

mesmo na cultura. Por exemplo, há camaradas que pensam que, para ensinar na nossa terra, é fundamental ensinar em crioulo, já. Outros pensam que é melhor ensinar em fula, em mandinga, em balanta. Mas é uma coisa que agora não é possível. Como é que vamos escrever balanta, agora? Quem é que sabe a fonética do balanta? Ainda não se sabe, é preciso estudar primeiro, mesmo o crioulo. Para ensinar numa língua é preciso ter uma maneira certa de escrever, para que todos escrevam da mesma maneira, se não é uma confusão do diabo.

Mas muitos camaradas, num sentido oportunista, querem ir para a frente com o crioulo. Nós vamos fazer isso, mas depois de termos bem estudado o crioulo. Agora a nossa língua para escrever é o português. Por isso é que vale a pena falar-se aqui tanto o crioulo como o português. Nós não somos mais filhos da nossa terra se falarmos crioulo, isto não é verdade.

Temos que ter um sentido real da nossa cultura. A língua portuguesa é uma das melhores coisas que os "tugas" nos deixaram, porque a língua não é outra coisa senão um instrumento para os homens se relacionarem entre si, um meio de expressão das realidades da vida e do mundo. Assim como o homem inventou a rádio para falar à distância, sem usar a língua, somente por meio de sinais o homem, através do seu desenvolvimento, começou a falar. A necessidade de se comunicar com o seu semelhante fê-lo começar a falar... desenvolveu as cordas vocais até falar. E como a língua depende do meio em que se vive, cada povo criou a sua própria língua.

Se repararmos, por exemplo, na gente que vive perto do mar, vemos que a sua língua tem muita coisa relacionada com o mar; a língua de quem vive no mato tem muita coisa relacionada com a floresta. Um povo que vive no mato, por exemplo, não sabe dizer bote porque não conhece o bote. Por exemplo, na língua de certos povos da Europa, as coisas do mar, da navegação, dizem-se como em português, porque os portugueses viviam junto ao mar.

A língua é um instrumento que o Homem criou através do trabalho, da luta, para se comunicar com o seu semelhante. E isso deu-lhe uma grande força nova, porque ninguém mais ficou fechado em si mesmo, os Homens passaram a comunicar-se uns com os outros... Homens com Homens, Sociedades com Sociedades, Povos com Povos, Países

com Países, Continentes com Continentes. Que maravilha! A língua foi o primeiro meio de comunicação que houve. Mas o mundo avançou muito, enquanto que nós não avançamos muito. A nossa língua ficou ao nível daquele mundo a que chegámos, em que vivemos. No entanto, os portugueses, embora colonialistas, mas vivendo na Europa, evoluíram mais do que nós) e a sua língua avançou bastante mais do que a nossa, podendo exprimir verdades concretas, relativas, por exemplo, à ciência. Por exemplo, nós dizemos assim: "a Lua é um satélite natural da Terra". Satélite natural, digam isso em balanta, digam em mancanha. É preciso falar muito para o dizer. Enquanto que, em português, basta uma palavra para dizer "satélite". Falando assim qualquer povo no mundo entende. Há muita coisa que não podemos dizer na nossa língua, mas há pessoas que querem que ponhamos de lado a língua portuguesa, porque nós somos africanos e não queremos a língua dos estrangeiros. Esses querem avançar a sua "cabeça", não é o seu povo que querem fazer avançar. Nós, Partido, se queremos levar para a frente o nosso povo, para avançarmos na ciência, durante muito tempo, teremos que utilizar o português. E isto é uma honra. É a única coisa que podemos agradecer aos portugueses: é facto de eles nos terem deixado a sua língua, depois de terem roubado tanto na nossa terra. Virá o dia em que, de facto, tendo estudado profundamente o crioulo, tendo encontrado as regras de fonética boas para o crioulo, poderemos passar a escrever em crioulo.

Temos de tirar o máximo proveito da experiência de outros povos, não só da nossa experiência. Mas se quisermos utilizar essa experiência na nossa terra, temos que nos servir de expressões de outras línguas. Mas se tivermos uma língua que possa exprimir tudo isso, usemo-la, não faz mal nenhum.

Para nós, tanto faz usar o português, o russo, o francês ou o inglês, desde que nos sirvam, como usar tractores dos russos, dos ingleses, dos americanos, etc. desde que nos sirvam para lavrar a terra.

Temos que acabar com toda a indiferença da nossa gente em matéria de cultura. E devemos evitar que uma coisa só porque é do estrangeiro já é boa e temos que a aceitar imediatamente. Ou então, porque é do estran-

geiro, não vale nada, vamos rejeitá-la. Isto não é cultu
ra, isto é uma mania, é um complexo, seja de inferiorida
de ou de estupidez. Devemos saber, diante das coisas do
estrangeiro, aceitar aquilo que é aceitável e rejeitar o
que não presta. Devemos ser capazes de fazer uma escolha
crítica. E a nossa luta, se repararem bem, tem sido, numa
parte da nossa acção, a aplicação constante do princípio
da assimilação crítica, quer dizer, aproveitar dos ou -
tros, mas criticando, aquilo que possa servir para a nos
sa terra e rejeitando aquilo que não sirva. Acumular ex-
periências e criar.





d9833